

Estética e Política *entre as Artes*



© Filipe Pinto

Conceção e organização

Elisabete Marques, Emília Pinto de Almeida, Filipe Pinto e João Pedro Cachopo

9 de abril

Considerações críticas sobre a noção de geo-estética
por José Bragança de Miranda
Pare, re-pare, repare melhor. O “reparar” enquanto tática e a “secalharidade” enquanto poética
por João Fiadeiro e Fernanda Eugénio
Moderador: João Pedro Cachopo

16 de abril

Artes e reparações do mundo
por Silvina Rodrigues Lopes
A política da forma e as suas condições
por António Guerreiro
Moderadora: Mariana Pinto dos Santos

14 de maio

Devagar, a poesia por Rosa Maria Martelo
As artes e a formação histórica dos sentidos humanos por Manuel Gusmão
Moderadora: Emília Pinto de Almeida

28 de maio

Arte, dispositivos e operações
por Maria Teresa Cruz
Será possível uma crítica de arte que não utilize categorias clínicas?
por Nuno Nabais
Moderador: Filipe Pinto

11 de junho

Música da língua, língua da música
por Mário Vieira de Carvalho
Políticas da interpretação no teatro de ópera por Paulo Ferreira de Castro
Moderador: Manuel Deniz Silva

25 de junho

As políticas da arte e a questão dos museus por Luiz Camillo Osorio
Quão subversivas serão as manchas de verdura? por João Queiroz
Moderadora: Elisabete Marques

Dando continuidade aos seminários realizados em 2012 e 2013, o ciclo de conferências e debates *Estética e Política entre as Artes* pretende constituir um fórum de debate sobre temas artísticos contemporâneos, incidindo especialmente sobre os aspetos estéticos e políticos da relação entre as artes (da literatura à música, passando pelas artes visuais, pelas artes performativas e pelo cinema).

O intervalo que o “entre” sinaliza permanece a característica distintiva do debate em perspectiva. Ele traduz a hipótese de que uma pesquisa sobre a política da(s) arte(s) possa encontrar um ponto de partida privilegiado numa reflexão sobre o intervalo que as separa e aproxima. Esta hipótese ganha expressividade tanto na discussão dos regimes de identificação, hierarquização, conjugação e/ou diferenciação das artes, quanto na exploração do modo como a perturbação de tais regimes pode alterar as formas de experiência e apropriação de objetos e práticas artísticas.

Ao longo de seis sessões – cada uma delas contando com duas conferências seguidas de debate –, investigadores, críticos, artistas, curadores seguirão o fio desse “entre” – em que se enleiam fenómenos de cruzamento, citação, montagem, tradução, entre outros – na senda de desvios de perspectiva acerca do que move a arte no, e contra, o presente.

Arte, dispositivos e operações por Maria Teresa Cruz

A possibilidade de um espaço poético que seja também um espaço político está no centro de vários debates no âmbito da cultura moderna e contemporânea. O pensamento desta possibilidade, das suas virtudes e também dos seus perigos, situa-se na operacionalização de um espaço entre as artes, mas também no questionamento do espaço entre as artes e a vida e, ainda na penetração moderna destes espaços da arte e da experiência pelos dispositivos técnicos.

Maria Teresa Cruz é professora do departamento de Ciências da Comunicação da FCSH-UNL. Diretora do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens e da *Revista de Comunicação e Linguagens*, fundou, em 2001, a revista digital *Interact – revista online de arte, cultura e tecnologia*. Dedicando-se ao estudo da comunicação, da teoria da imagem, da estética dos *media* e das *media art*, editou, entre outros, os seguintes livros: *A Arte antes e depois da Arte* (2010) e *Novos Media, Novas Práticas* (2011).

Será possível uma crítica de arte que não utilize categorias clínicas? por Nuno Nabais

Por todo o lado se assiste ao regresso à metafísica em teoria da literatura.

CONFERÊNCIAS QUARTAS-FEIRAS DE 9 DE ABRIL A 25 DE JUNHO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

CONFERÊNCIA 4

Entrada gratuita Levantamento de senha de acesso 30 min. antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Na tradição analítica os temas da referencialidade da ficção ou das modalidades epistémicas do narrador ocupam hoje a cena nos estudos literários. O mesmo acontece nas aproximações materialistas à arte do romance. O valor de verdade da narrativa ou a distinção entre os regimes éticos, representativos e estéticos da escrita ficcional mobilizam, sobretudo em França, o pensamento da arte literária. Mas, poderemos abandonar as categorias clínicas - tais como as de delírio, monomania ou neurose - na compreensão quer da experiência da escrita quer do ato de leitura de um romance?

Tentaremos reabilitar o vínculo entre crítica e clínica, inaugurado por Freud e radicalizado por Derrida e Deleuze, tomando como laboratório sobretudo o modo como nas obras mais recentes de Rancière esse vínculo é dissolvido.

Nuno Nabais é professor do departamento de Filosofia da FLUL e coordenador da Fábrica do Braço de Prata. Entre outros trabalhos, publicou *Metafísica do Trágico: Estudos sobre Nietzsche* (1997), traduzido como *Nietzsche & the Metaphysics of the Tragic* (2006), e *A Evidência da Possibilidade: A questão modal na fenomenologia de Husserl* (1999).

CONFERÊNCIAS QUARTAS-FEIRAS DE 9 DE ABRIL A 25 DE JUNHO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

Este ciclo de conferências será transmitido no site www.culturgest.pt

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest